

# SOU GAY! E DAÍ?

## I'M GAY! SO WHAT?

Fabio Tadeu Reina 1  
Alexandre Alberto Scabello Volpe 2

**Resumo:** O esporte na maioria das vezes tem sua representatividade fixada na masculinidade. Todo e qualquer movimento contrário a esta lógica, subverte a ordem e instaura-se o preconceito para além do gênero, obstruindo muitos atletas a progredirem profissionalmente, por assumirem uma postura contrária às preconizadas como ideal de virilidade. Assim este artigo, objetiva, apontar e analisar como quatro atletas de voleibol, assumiram a homossexualidade e, suas consequências. Feitas as questões e diante das respostas proferidas, concluiu-se que a homossexualidade não tem relação com o esporte em si, mas que se torna uma barreira sim, para elevar-se na hierarquia esportiva, ficando restrito a equipes que disputam torneios considerados de segundo nível sem projeção nacional ou internacional, pois nesse contexto sua aceitação é maior.  
**Palavras-chave:** Esporte. Gênero. Homossexualidade. Voleibol.

**Abstract:** The sport most of the time has its representatives fixed in the masculinity. Any and all movement contrary to this logic subverts the order and installs or precedes it beyond sex, obstructing many individuals to a professional, for assuming an opposite posture as advocated as an ideal of virility. Thus, this objective article points out and analyzes how four volleyball athletes took on homosexuality is not related to the sport itself, but that it does become a barrier for the higher level sport hierarchy, it restricts the teams that compete in the second level events, without national or international projection, because in this context its acceptance is greater.  
**Keywords:** Sport. Gender. Homosexuality. Volleyball.

---

Doutor em Educação Escolar. Professor da UNIARA – Universidade de Araraquara e do Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7399060665376872> ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2591-2378> E-mail: [ftreina@hotmail.com](mailto:ftreina@hotmail.com) 1

Graduado em Educação Física e Mestrando em Educação Sexual na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3164447853368068> ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0864-9093> E-mail: [allevolei@bol.com.br](mailto:allevolei@bol.com.br) 2

## Introdução

O esporte é um fenômeno moderno surgido do século XVIII, e mais marcadamente no século XIX, na Europa, em especial na Inglaterra (BRACHT, 1997). Ele teria surgido, segundo Bracht (1997) a partir da regulação (esportivização) de elementos da cultura corporal, tanto de origem popular quanto das elites, entre os quais os jogos populares são os exemplos mais recorrentes.

Junto à urbanização e à industrialização, o esporte desenvolveu-se e disseminou-se, para além dos limites europeus, como símbolo do novo e do moderno, de certa forma negando os valores dos tempos que o precediam. O esporte moderno é uma arena de construção de gênero.

Nessa construção, a masculinidade, como na ampla maioria das esferas da cultura, ocupa um lugar privilegiado. Ao mesmo tempo em que os homens são beneficiados, inclusive financeiramente, pelas representações positivas de seu gênero, essa valorização poderá acarretar em dificuldades para aqueles homens que não correspondam exatamente à norma produzida/esperada como adequada para as masculinidades no esporte.

Assim, a noção de gênero é entendida aqui como relações estabelecidas a partir da percepção social das diferenças biológicas entre os sexos (Scott, 1995). Essa percepção, por sua vez, está fundada em esquemas classificatórios que opõem masculino/feminino, sendo esta oposição homóloga e relacionada a outras: forte/fraco; grande/pequeno; acima/abaixo; dominante/dominado (Bourdieu, 1999).

Essas oposições são hierarquizadas, cabendo ao pólo masculino e seus homólogos a primazia do que é valorizado como positivo, superior. Essas oposições/hierarquizações são arbitrárias e historicamente construídas.

A divisão entre os sexos parece estar na ordem das coisas, ela está presente, ao mesmo tempo, em estado objetivado, em todo o mundo social, e em estado incorporado, nos corpos e nos habitus dos agentes, funcionando como sistemas de esquemas de percepção, de pensamento e de ação (Bourdieu, 1999, p. 17).

Entender as relações de gênero como fundadas em categorizações presentes em toda a ordem social, permite compreender não somente a posição das mulheres, em particular, como subordinada, mas também a relação entre sexualidade e poder. A oposição ativo/passivo traz consigo a heterossexualidade como norma, e dispõe homens e mulheres segundo a “natureza”.

Neste sentido, a homossexualidade subverteria a norma, a partir da ocupação, no caso da homossexualidade masculina, de uma posição inferior (dominada) (Bourdieu, 1999). Essa posição foi construída historicamente, pela medicina e psiquiatria, a partir da reelaboração da prática homossexual como enfermidade, e não mais como pecado (Turner, 1989) e é fundada na percepção de diferentes naturezas para homens e mulheres e na identificação do homossexual com a natureza feminina (Costa, 1996).

A partir da subversão da ordem operada por uma relação homossexual, os homossexuais são invisibilizados e estigmatizados socialmente. O estigma se refere ao conjunto de atributos inscritos na identidade social de um indivíduo, os quais, em uma interação, podem desacreditá-lo/depreciá-lo, tornando-o um indivíduo “menor” socialmente (Goffman, 1988).

Aos homossexuais abre-se a possibilidade de manipulação da informação que as pessoas têm sobre eles, na medida em que esta prática não seria, a princípio, evidente, a não ser em situações de intimidade (Goffman, 1988).

Esta possibilidade é, ao mesmo tempo, o interdito da visibilidade e a incorporação do mesmo (dominação simbólica), indicando a aceitação da existência de uma prática sexual correta e instituindo uma experiência envergonhada (escondida) da sexualidade (Bourdieu, 1999).

Fazem isto, a partir do estabelecimento de relações igualitárias, nas quais os papéis ativo/passivo não existem, como relação de subordinação. Ao contrário, as relações sexuais seriam vistas como fontes de prazer, sendo valorizadas por isto.

O gay, de alguma forma, rompe com a representação do homossexual masculino como inferior, feminino; com o gay, a imagem do homossexual é redefinida como masculina, adotando os signos da masculinidade (corpo musculoso, bigode, calças justas).

O rompimento com a invisibilidade se dá, com uma superação do gueto, e a constitui-

ção de grupos organizados de homossexuais que visam questionar sua posição na sociedade, tentando redefinir a categorização social do homossexual: lutando por impor o sistema de classificação mais favorável a suas propriedades ou ainda para dar ao sistema de classificação dominante o conteúdo melhor para valorizar o que ele tem e o que ele é (Bourdieu, 1979, p. 554).

## Desconstruindo e Pluralizando os Gêneros

Ainda que gênero, enquanto categoria analítica passe a ser utilizado, com maior ou menor propriedade e ajustamento, no contexto de vários paradigmas teóricos, uma parte significativa das formulações produzidas pelas/os feministas atuais estabelece articulações entre essa conceptualização e algumas teorizações pós-estruturalistas.

Na verdade, seria difícil supor que movimentos contemporâneos (no caso, o feminismo e o pós-estruturalismo, ambos se constituindo em meio à efervescência intelectual do final dos anos 60) deixassem de produzir efeitos mútuos e fossem capazes de se manter isolados.

Expressando-se de formas diversas, por vezes aparentemente independentes, feministas e pós-estruturalistas compartilham das críticas aos sistemas explicativos globais da sociedade; apontam limitações ou incompletudes nas formas de organização e de compreensão do social abraçadas pelas esquerdas; problematizam modos convencionais de produção e divulgação do que é admitido como ciência; questiona a concepção de um poder central e unificado regendo o todo social, etc.

As produções dos/as pensadores/as pós-estruturalistas e feministas terão, pois, pontos de contato, mesmo que sejam também evidentes algumas zonas de discordância ou atrito. Acentua-se e amplia-se, assim, o debate entre as/os estudiosas/os feministas, na medida em que a apropriação de *insights* ou conceitos pós-estruturalistas é assumida por algumas/alguns e rejeitada por outras/outros.

Entre as estudiosas mais conhecidas nesse campo está Joan Scott, historiadora norte-americana que escreve, em 1986, um artigo instigante: *Gender: a useful category of historical analysis*. Traduzido e divulgado no Brasil, o texto passa a ser utilizado amplamente por aquelas/es interessadas/os nas relações de gênero.

No entanto, as implicações teóricas da abordagem de Scott talvez tenham sido muitas vezes, observadas um tanto superficialmente, já que seu estudo serve de suporte a trabalhos marcados pelas mais diversas perspectivas (Louro 1995a).

Ela não esconde, entretanto, que toma de empréstimo alguns conceitos pós-estruturalistas, em especial elaborados por Michel Foucault e Jacques Derrida. Não nega, também, que, para uma historiadora social feminista, aproximar-se e apropriar-se de teorizações feitas no campo da Filosofia e da Teoria Literária foram difíceis.

Por tudo isso é possível compreender que as ideias que ela propõe tenham sido férteis e, ao mesmo tempo, perturbadoras. Um ponto importante em sua argumentação é a ideia de que é preciso *desconstruir* o “caráter permanente da oposição binária” masculino-feminino.

Em outras palavras: Joan Scott observa que é constante nas análises e na compreensão das sociedades um pensamento dicotômico e polarizado sobre os gêneros; usualmente se concebem homem e mulher como polos opostos que se relacionam dentro de uma lógica invariável de dominação-submissão.

Para ela seria indispensável implodir essa lógica. Scott não está sozinha nessas observações, outras estudiosas e estudiosos também apontam as limitações implícitas nessa rígida visão polarizada.

A base de algumas dessas argumentações, pode ser encontrada em Jacques Derrida. Lembra esse filósofo, que o pensamento moderno foi e, é marcado, pelas dicotomias (presença/ausência, teoria/prática, ciência/ideologia etc.). No “jogo das dicotomias” os dois polos, diferem e se opõem e, aparentemente, cada um é uno e idêntico a si mesmo.

A dicotomia marca, também, a superioridade do primeiro elemento. Aprendemos a pensar e a nossa é tarefa simples. A proposição de *desconstrução* das dicotomias— problematizando a constituição de cada polo, demonstrando que cada um na verdade supõe e contém o outro, evidenciando que cada polo não é uno, mas plural, mostrando que cada polo é, internamente, fraturado e dividido — pode se constituir numa estratégia subversiva e fértil para o

pensamento.

Desconstruir a polaridade rígida dos gêneros, então, significaria problematizar tanto a oposição entre eles quanto a unidade interna de cada um. Implicaria observar que o polo masculino contém o feminino (de modo desviado, postergado, reprimido) e vice-versa; implicaria também perceber que cada um desses polos é internamente fragmentado e dividido (afinal não existe *a mulher*, mas várias e diferentes mulheres que não são idênticas entre si, que podem ou não ser solidárias, cúmplices ou opositoras).

Por outro lado, essa eterna oposição binária usualmente nos faz equiparar, pela mesma lógica, outros pares de conceitos, como “produção-reprodução”, “público-privado”, “razão-sentimento”, etc.

Tais pares correspondem, é possível imediatamente perceber, ao masculino e ao feminino, e evidenciam a prioridade do primeiro elemento, do qual *o outro se deriva*, conforme supõe o pensamento dicotômico.

Ora, é fácil concluir que essa lógica é problemática para a perspectiva feminista, já que ela nos “amarra” numa posição que é, aparentemente, consequente e inexorável. Uma lógica que parece apontar para um lugar “natural” e fixo para cada gênero.

A desconstrução trabalha contra essa lógica, faz perceber que a oposição é construída e não inerente e fixa. A desconstrução sugere que se busquem os processos e as condições que estabeleceram os termos da polaridade. Supõe que se historicize a polaridade e a hierarquia nela implícita.

Teresa de Lauretis (1986, p. 12), uma importante estudiosa feminista, lembra que o próprio “significado da diferença sexual” é colocado em termos de oposição (“natureza ou cultura, biologia ou socialização”), o que é um modo de compreensão que está muito próximo da conhecida expressão “anatomia-destino”.

Há pouco avanço, segundo Teresa, em se dizer que a diferença sexual é cultural; o problema que permanece é o de conceber as diferenças (sejam elas consideradas culturais, sociais, subjetivas) «em relação ao homem — sendo ele a medida, o padrão, a referência de todo discurso legitimado”. A lógica dicotômica carrega essa idéia.

Em consequência, essa lógica supõe que a relação masculino-feminino constitui uma oposição entre um polo dominante e outro dominado — e essa seria a única e permanente forma de relação entre os dois elementos. O processo desconstrutivo permite perturbar essa ideia de relação de via única e observar que o poder se exerce em várias direções.

O exercício do poder pode, na verdade, fraturar e dividir internamente cada termo da oposição. Os sujeitos que constituem a dicotomia não são, de fato, apenas homens e mulheres, mas homens e mulheres de várias classes, raças, religiões, idades, etc. e suas solidariedades e antagonismos podem provocar os arranjos mais diversos, perturbando a noção simplista e reduzida de “homem dominante versus mulher dominada”.

Por outro lado, não custam reafirmar que os grupos dominados são, muitas vezes, capazes de fazer dos espaços e das instâncias de opressão, lugares de resistência e de exercício de poder. Uma das consequências mais significativas da desconstrução dessa oposição binária reside na possibilidade que abre para que se compreendam e incluam as diferentes formas de masculinidade e feminilidade que se constituem socialmente.

A concepção dos gêneros como se produzindo dentro de uma lógica dicotômica implica um pólo que se contrapõe a outro (portanto uma ideia *singular* de masculinidade e de feminilidade), e isso supõe ignorar ou negar todos os sujeitos sociais que não se “enquadram” em uma dessas formas.

Romper a dicotomia poderá abalar o enraizado caráter heterossexual que estaria, na visão de muitos/as, presente no conceito “gênero”. Na verdade, penso que o conceito só poderá manter sua utilidade teórica na medida em que incorporar esses questionamentos. Mulheres e homens, que vivem feminilidades e masculinidades de formas diversas das hegemônicas e que, portanto, muitas vezes não são representados/as ou reconhecidos/as como “verdadeiras/verdadeiros” mulheres e homens, fazem críticas a esta estrita e estreita concepção binária.

Vale notar que as críticas a tal concepção são também feitas por outras feministas que percebem o conceito como extremamente marcado por sua origem acadêmica, branca, de

classe média.

Sendo assim, a menos que se desconstrua a polarização dos gêneros e se problematize a identidade no interior de cada pólo, se deixará de contemplar os interesses, as experiências e os questionamentos de muitas mulheres, como os das mulheres não-brancas e as lésbicas (bem como se deixarão de fora as diferentes formas de masculinidade).

“Paradoxalmente”, como diz Teresa de Lauretis (1994, p. 209), “a construção do gênero também se faz por meio de sua desconstrução”. Ao aceitarmos que a construção do gênero é histórica e se faz incessantemente, estamos entendendo que as relações entre homens e mulheres, os discursos e as representações dessas relações estão em constante mudança.

Isso supõe que as identidades de gênero estão continuamente se transformando. Sendo assim, é indispensável admitir que até mesmo as teorias e as práticas feministas com suas críticas aos discursos sobre gênero e suas propostas de desconstrução estão construindo gênero.

## Metodologia

Este artigo faz parte de uma dissertação de mestrado, de natureza qualitativa, recaindo no princípio da interação sujeito-objeto na produção de conhecimento: o sujeito tem um papel ativo, mas por outro lado, está submetido às determinações da realidade que, segundo o autor, introduz no conhecimento uma visão da realidade que é socialmente transmitida.

Dessa forma, a interação sujeito/objeto permite que durante o processo de conhecimento, ambos se modifiquem. Acerca da relação sujeito/objeto, Severino (2006) afirma que [...] estão em pauta as condições de possibilidade e de realização do próprio processo que se designa como “conhecer”.

Dessa forma, a realidade que um determinado objeto se insere é essencial para que se possa entendê-lo. Os dados coletados dessa realidade são descritivos, uma vez que interpretar o objeto exige recuperar rigorosamente os contextos em que os fenômenos têm sentido e, portanto, o sentido que os investigados dão à realidade e à sua vida são relevantes na abordagem qualitativa.

No momento de análise dos dados segue o processo indutivo, uma vez que os referenciais teórico-metodológicos guiam na seleção das informações relevantes para a pesquisa, nos instrumentos para coletas de dados, no amplo universo de interpretação das informações coletadas e na abertura para a polissemia.

A coleta de dados se deu por meio de entrevistas realizadas com 04 jogadores de voleibol, escolhidos por terem se declarado homossexuais e que aceitaram participar espontaneamente da pesquisa.

Foram realizadas perguntas baseadas em um roteiro de questões pautadas sobre o universo da temática que trata da homossexualidade, as respostas foram gravadas e transcritas, de cada jogador que foram apelidados com os nomes fictícios para preservação de suas identidades. Após isto, foram feitos quadros de cada questão com as respostas de todos eles, para analisar melhor as semelhanças e diferenças encontradas nas questões.

## As nuances da homossexualidade na trajetória dos jogadores de voleibol

Se Foucault foi capaz de traçar uma *História da Sexualidade* (1988), isso aconteceu pelo fato de compreendê-la como uma “invenção social”, ou seja, por entender que ela se constitui a partir de múltiplos discursos sobre o sexo: discursos que regulam que normalizam que instauram saberes, que produzem “verdades”.

Observamos que, os jogadores de voleibol, aqui pesquisados puderam exercer sua sexualidade de diferentes formas, eles puderam “viver seus desejos e prazeres corporais” de muitos modos segundo (Weeks, apud Britzman, 1996). Suas identidades sexuais se constituíam, pois, através das formas como vivem sua sexualidade, com parceiros do mesmo sexo, ou até do sexo oposto como relatado por alemão, para depois experimentar o prazer sexual com o mesmo sexo.

Por outro lado, eles também se identificam, social e historicamente, como masculinos e

assim constroem suas *identidades de gênero*. Ora, é evidente que essas identidades (sexuais e de gênero) estão profundamente inter-relacionadas; nossa linguagem e nossas práticas muito frequentemente as confundem, tornando difícil pensá-las distintivamente.

No entanto, elas não são a mesma coisa. Sujeitos masculinos ou femininos podem ser heterossexuais, homossexuais, bissexuais (e, ao mesmo tempo, eles também podem ser negros, brancos, ou índios, ricos ou pobres etc.).

O que importa aqui considerar é que, tanto na dinâmica do gênero, como na dinâmica da sexualidade, as identidades são sempre *construídas*, elas não são dadas ou acabadas num determinado momento.

Pilão no caso adquiriu a homossexualidade na adolescência, aos quinze anos; já Tostão, começou a dar destaque à homossexualidade na fazenda onde morava, sem identificação de idade. Alemão relatou que foi recente em 2006, após um fracasso amoroso de um relacionamento heterossexual e, por fim, Ticão começou desde muito cedo a adquirir sua homossexualidade, aos oito anos ou menos segundo seu depoimento.

Diante Disso, não é possível fixar um momento, seja esse: o nascimento, a adolescência, ou a maturidade que possa ser tomado como aquele em que a identidade sexual e/ou a identidade de gênero seja “assentada” ou estabelecida. As identidades estão sempre se constituindo, elas são instáveis e, portanto, passíveis de transformação.

Deborah Britzman (1996, p. 74) afirma: Nenhuma identidade sexual — mesmo a mais normativa — é automática, autêntica, facilmente assumida; nenhuma identidade sexual existe sem negociação ou construção.

Não existe, de um lado, uma identidade heterossexual lá fora, pronta, acabada, esperando para ser assumida e, de outro, uma identidade homossexual instável, que deve se virar sozinha. Em vez disso, toda identidade sexual é um constructo instável, mutável e volátil, uma relação social contraditória e não finalizada.

Mas este constructo passa primeiro pela família, que é a responsável primária na formação da identidade de seus filhos, a respeito de toda ordem moral, social, étnica, racial e sexual também.

Neste sentido, quando perguntado aos jogadores sobre como a família ajudou na construção dessa identidade voltada aos aspectos sexuais, salientado a homossexualidade. Diga-se antecipadamente que impera o silêncio, mesmo este mostra muito a respeito desse tabu existente na sociedade e na família sobre a sexualidade de uma maneira geral.

Segundo Foucault, regras de decência, sem dúvida alguma, filtraram as palavras: polícia dos enunciados. Controle também das enunciações: definiu-se de maneira muito mais estrita onde e quando não era possível falar dele; em que situações, entre quais locutores, e em que relações sociais; estabeleceram-se, assim, regiões, senão de silêncio absoluto, pelo menos de tato e discrição: entre pais e filhos, por exemplo, ou educadores e alunos, patrões e serviçais. É quase certo ter havido aí toda uma economia restritiva.

Começamos nossa análise a esta questão com as palavras de Foucault, porque pudemos constatar com as respostas dadas, que três famílias ainda preservam o tabu de falar sobre sexualidade para com seus filhos, resultando um silenciar sobre a questão.

Parece que estamos no legado do século XVII, o início de uma época de repressão própria das sociedades chamadas burguesas, e da qual talvez ainda não estivéssemos completamente liberados.

Como se, para dominá-lo no plano real, tivesse sido necessário, primeiro, reduzi-lo ao nível da linguagem, controlar sua livre circulação no discurso, bani-lo das coisas ditas e extinguir as palavras que o tornam presente de maneira demasiado sensível.

O segredo do sexo não é, sem dúvida, a realidade fundamental em relação à qual se dispõem todas as incitações a falar de sexo quer tentem quebrá-lo quer o reproduzam de forma obscura, pela própria maneira de falar.

Como no caso do jogador Tostão, e do jogador Ticão, onde as famílias não se privavam de falar sobre o assunto, apenas contornavam a situação generalizando o discurso sem detalhamento do que realmente o filho devia incorporar para sua vida sobre a questão da homossexualidade.

Trata-se, ao contrário, para estas famílias de um tema que faz parte da própria mecânica

de incitações, ou seja, maneira de dar forma à exigência de falar, fábula indispensável à economia infinitamente proliferante do discurso sobre o sexo.

Desta forma, observou-se, que nenhuma família desses jogadores os orientou na ótica da homossexualidade. O princípio heteronormativo, mesmo que de forma velado, fica ratificado, já que nenhum deles descreveu com pormenores sua orientação sexual advinda delas.

Portanto, não se deve fazer divisão binária entre o que se diz e o que não se diz; é preciso tentar determinar as diferentes maneiras de não dizer, como são distribuídos os que podem e os que não podem falar que tipo de discurso é autorizado ou que forma de discricção é a uns e outros. Não existe um só, mas muitos silêncios e são parte integrante das estratégias que apoiam e atravessam os discursos.

Ainda em relação a postura da família sobre estas questões ligadas a homossexualidade, depois de perceber com as duas primeiras questões, que elas se isentam ou criam estratégias para não explicitar a temática em casa, como condição de constructo da identidade de seus filhos, perguntamos se existe algum tipo de preconceito por parte de algum dos membros que a constituem, por eles serem homossexuais declarados socialmente.

Pelas respostas apresentadas, verificou-se que Pilão foi o único que declarou sofrer algum preconceito por parte dos irmãos, a representação da heterossexualidade predominante na sociedade brasileira, fica claro quando ele se refere aos irmãos (homens) não aceitarem sua opção de prazer sexual por outros homens. Trata-se, pois de uma questão de gênero, onde os pensamentos dos irmãos são pautados na normatização existente nas representações sociais, sobre a masculinidade e a feminilidade.

A concepção de gênero como se produzindo dentro de uma lógica dicotômica implica um polo que se contrapõe a outro (portanto uma ideia *singular* de masculinidade e de feminilidade), e isso supõe ignorar ou negar todos os sujeitos sociais que não se “enquadram” em uma dessas formas.

Romper a dicotomia poderá abalar o enraizado caráter heterossexual que estaria, na visão de muitos/as, presente no conceito “gênero”. Na verdade, pensamos que o conceito só poderá manter sua utilidade teórica na medida em que incorporar esses questionamentos. Mulheres e homens, que vivem feminilidades e masculinidades de formas diversas das hegemônicas e que, portanto, muitas vezes não são representados/as ou reconhecidos/as como “verdadeiras/verdadeiros” mulheres e homens, fazem críticas a esta estrita e estreita concepção binária.

Notou-se ainda que o jogador denominado Pilão, encontrou uma estratégia comportamental para ser aceito pelos seus irmãos, que foi a descrição de seus atos e gestos, e certo fechamento do assunto, como que um arcabouço protegido por eles (irmãos) se ele não explicitasse sua condição fora desse âmbito.

Instaura-se neste momento, um preconceito velado em códigos e símbolos, determinados pelos irmãos, pela pressão, que exercem sobre ele, que de certo modo, transgride a ordem da lógica masculina.

Em relação aos outros três jogadores, observou-se com suas respostas a figura da mãe, da irmã protetoras que acolhem seus filhos, num gesto de aceitação de suas escolhas, protegendo-os de toda a qualquer espécie de preconceito que porventura vierem a sofrer.

Mas, também, se observou que, ainda a problemática fica restrita na família, parece que ela, constrói uma redoma de vidro, onde o filho ficaria eternamente isolado de toda tempere que o mundo viesse a colocar na sua trajetória de vida.

Um pacto se estabelece nas famílias, onde eles aceitariam a situação do filho, mas não fariam sobre o assunto, já que neste momento os princípios morais, religiosos poderiam sufocar a decisão tomada pelos jogadores.

Sabe-se que este pensamento, fica só no imaginário, pois transita por outras agências socializadoras, e a escola, é aquela onde todos estes comportamentos, decisões, conselhos, posturas, condutas, serão explicitados, pois ela propaga e cobra dos alunos, no caso desta pesquisa dos jogadores de voleibol, um modelo de cidadão pautado pelos princípios éticos, religiosos, morais, sexuais, dentre outros, de uma classe social que determina e transmite e legitima sua posição diante da realidade social, que muitas vezes conflita com aquele adquirido

no seio familiar.

Neste sentido, Fez-se outra pergunta aos jogadores de voleibol, se a escola, transmissora de conhecimentos científicos, transformados para atender as necessidades de formação do aluno, ensina e propõe reflexões sobre o assunto em pauta da sexualidade, homossexualidade, gênero.

Esta questão foi feita em função dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) que tem como tema transversal a orientação sexual, ou seja, este assunto deve perpassar todas as áreas do conhecimento contido no currículo escolar, dos níveis da escolarização básica.

Unanimemente, todos os jogadores responderam não haver nenhum tipo de informação pedagógica, com métodos próprios de transmissão de conhecimentos voltados a área da Educação Sexual.

Estas respostas só vêm a ratificar vários estudos da área, tais como Louro (1995) que comprovam um silêncio pedagógico sobre esta temática, imperando ainda hoje o Tabu, o preconceito, e principalmente a falta de formação dos professores para lidar com este conteúdo da orientação sexual, sexualidade, gênero e principalmente homossexualidade.

Mas não se constatou apenas isso. Tostão, por exemplo, mostrou outra condição que limita a possibilidade do assunto ser tratado na escola, quando ele diz que a bancada evangélica impede esta condição vetando a proposta de Lei que incluiria no currículo da escola a Educação sexual como uma matéria específica na formação dos alunos da Educação Básica.

Poder é relação de forças e se distribui em rede. Portanto, não há um lugar do poder e nada está isento de poder. Se não há um lugar do poder, não pode haver um lugar da resistência. As lutas são formas de resistência na própria rede de poderes.

Assim como o poder, a resistência se distribui, como uma rede, em pontos móveis e transitórios, em toda a estrutura social. Seria possível ao indivíduo, como produto do poder, resistir ao que o constitui.

Portanto, se, por um lado, o poder é uma relação de forças com outras forças, por outro, a subjetivação é uma relação de forças consigo mesmo.

A partir disso, Foucault, formulando uma “estilística da existência”, tratará das possibilidades de vida capazes de resistir ao poder e de se beneficiar do saber (RODRIGUES, 1998), portanto, embora não possua uma cultura política “constituída”, a homossexualidade toca o político.

Diante disto, entende-se que a Educação integral dos nossos alunos fica obstruída pelo pensamento de políticos ortodoxos ligados a doutrinas religiosas ligadas ao radicalismo que tem em Adão e Eva a imagem e representação de posturas e condutas, até serem castigados por experimentarem do fruto proibido e sofrerem as consequências deste pecado.

Assim, a religião, é um forte argumento para deduzirmos que muitos dos silêncios observados tanto nas atitudes da família, quanto da escola, pressiona a incubação deste assunto nos seus âmbitos, deixando empobrecida esta Educação Sexual dos nossos jogadores e alunos que vivem da mesma situação, cheios de dúvida, de culpas e tidos como aberrações comportamentais diante daquilo que é promulgada e legitimada pela sociedade brasileira que é uma orientação heteronormativa.

Então a escola instituição que visa formar o indivíduo de maneira integral esta deixando uma lacuna grande nesta direção da Educação Sexual, se neutralizando neste sentido, quando os jogadores de voleibol, como, por exemplo, o Pilão e o Tostão dizem nas suas respostas que tiveram aulas de biologização da temática, voltada as questões de prevenção e aspectos fisiológicos, doenças relacionadas ao sexo, que fazem parte de um discurso de uma abordagem higienista do começo do século XX, onde os médicos higienistas eram os responsáveis pelo viés educacional de formação de nossos alunos.

Ficamos estacionados nos pensamentos do século passado, a medicina importante sem dúvida nenhuma com seus avanços científicos, mas determinista e controladora do pensamento hegemônico que deva ser transmitido aos nossos alunos na escola.

Entende-se que não podemos limitar o conhecimento apenas a uma visão orgânica do indivíduo já que não somos seres apenas orgânicos, somos eminentemente sociais, portanto, a nossas características sociais e culturais de seres humanos precisam ser trabalhadas na escola.

Fato este, que se observa em vários estudos científicos, por exemplo, como os de Reina (2011), onde o preconceito que bailarinos e jogadores de futebol sofrem na escola por escolherem práticas culturais, deterministas como sendo futebol para meninos e balé para meninas, taxando-os de gays e lésbicas estereotipando suas condições humanas, competências e habilidades a um comportamento tido desviando pela normatização do pensamento que impera na nossa sociedade; no mesmo estudo de Reina (2011) há uma inferência em algumas entrevistas feitas pelos participantes de sua pesquisa, que o esporte voleibol também é esporte de menina, taxando assim os meninos de gays e as meninas de lésbicas, estereotipando suas condições humanas, competências e habilidades a um comportamento tido desviando pela nossa sociedade.

Diante disso, perguntou-se aos jogadores de voleibol se eles haviam sofrido qualquer tipo de preconceito na escola.

As respostas dadas pelos jogadores de voleibol, na sua maioria mostrou-se não haver nenhum, tipo de preconceito, Ticão e Alemão disseram que faziam piadinhas da sua opção.

Interessante notar neste contexto que, inconscientemente eles não creditavam as piadas como um preconceito, mostrando desta forma que existe um tipo de preconceito que se torna imperceptível aos olhos daqueles que os sofrem, tornando-se natural esta situação.

Quem ratifica nos seus estudos esta realidade é Bourdieu no seu livro a dominação Masculina (1998), quando ele aponta a violência simbólica como categoria de análise sociológica, suave, sensível e imperceptível aos olhos daqueles que são marginalizados pela sociedade.

Inferiu-se também, que a não exteriorização da condição, o manter-se fechado em si, nas suas posturas tanto orais, como corporais, muitas vezes utilizadas como estratégias para ocultarem-se a opção sexual, com medo de sofrerem este tipo de violência ou até física, poderá ser a resposta dada pelos dois outros integrantes da pesquisa.

Além destas questões, a fala de Alemão vem ratificar os estudos de Reina (2011), quando alguns participantes de sua pesquisa disseram que nas aulas de Educação Física os meninos jogavam futebol e as meninas voleibol, já que voleibol era esporte de menina e não de menino, podemos associar a isso o balé no caso dos bailarinos de sua pesquisa.

Outro momento que chama a atenção nessa fala de alemão é o afastamento de alguns de seus amigos, quando eles ficam sabendo que ele opta em ser homossexual como meio de realizar seus desejos, comportamentos, posturas e prazeres sexuais.

Como que, suas imagens ficassem esmorecidas por conviverem com um gay. Isso mostra o quanto o pensamento hegemônico na nossa sociedade na direção da heteronormatização é muito forte e determinista.

Neste âmbito escolar, identificou-se o silenciar da prática pedagógica dos professores sobre esta questão e que mesmo que de forma imperceptível a violência simbólica proferida por Bourdieu nos seus estudos, nesta realidade também se faz presente.

A partir da subversão da ordem operada por uma relação homossexual, os homossexuais são invisibilizados e estigmatizados socialmente. O estigma se refere ao conjunto de atributos inscritos na identidade social de um indivíduo, os quais, em uma interação, podem desacreditá-lo/depreciá-lo, tornando-o um indivíduo "menor" socialmente (Goffman, 1988).

Aos homossexuais abre-se a possibilidade de manipulação da informação que as pessoas têm sobre eles, na medida em que esta prática não seria, a princípio, evidente, a não ser em situações de intimidade (Goffman, 1988).

Esta possibilidade é, ao mesmo tempo, o interdito da visibilidade e a incorporação do mesmo (dominação simbólica), indicando a aceitação da existência de uma prática sexual correta e instituindo uma experiência envergonhada (escondida) da sexualidade (Bourdieu, 1999).

Fazem isto a partir do estabelecimento de relações igualitárias, nas quais os papéis ativo/passivo não existem como relação de subordinação. Ao contrário, as relações sexuais seriam vistas como fontes de prazer, sendo valorizadas por isto.

O gay, de alguma forma, rompe com a representação do homossexual masculino como inferior, feminino; com o gay, a imagem do homossexual é redefinida como masculina, adotando os signos da masculinidade (corpo musculoso, bigode, calças justas).

O rompimento com a invisibilidade se dá com uma superação do gueto, e a constitui-

ção de grupos organizados de homossexuais que visam questionar sua posição na sociedade, tentando redefinir a categorização social do homossexual: lutando por impor o sistema de classificação mais favorável a suas propriedades ou ainda para dar ao sistema de classificação dominante o conteúdo melhor para valorizar o que ele tem e o que ele é (Bourdieu, 1979, p. 554).

Neste sentido, quando as questões se voltam para o universo específico do mundo do voleibol, as constatações tomam outra direção, e é justamente com a questão seguinte que se objetivou analisar como a homossexualidade é tratada neste ambiente.

Iniciou-se a investigação, buscando respostas primeiramente sobre seus técnicos, pois eles seriam as primeiras pessoas que no processo de formação atlética, agiriam diretamente no comportamento deles, orientando suas posturas e condutas dentro deste campo de atuação.

A questão seguinte apontou justamente isso, se a homossexualidade está presente em alguns desses profissionais com os quais trabalharam e se de alguma forma eles supririam a lacuna deixada pela escola na orientação necessária sobre esta temática.

Identificou-se com as respostas, que este assunto não é colocado em questão aqui, nem na escola, nem na casa deles, ou seja, realmente a sociedade precisa no nosso entender avançar muito no conhecimento e na informação e formação desta temática ligada a sexualidade humana. Entendemos ainda que esse processo é lento porque uma complexidade de fatores permeia esta realidade, a pressão e a Educação religiosa, moral e ética e mais a Educação Sexual como um todo.

O que fica explícito diante das respostas, e que cada técnico e atleta ficam envolvidos nas suas próprias concepções de vida. Acredita-se que o lado profissional, as exigências de formação atlética e desenvolvimento das potencialidades físicas, absorvem todos esses aspectos ligados a sexualidade.

Neste campo em específico, com estas respostas dadas, há delimitação do espaço, onde os assuntos tratados supostamente deveriam ficar restritos aos fundamentos técnicos, as capacidades físicas e as táticas e regras do jogo, para terem sucessos nas competições que porventura viriam a ocorrer.

Embora, também no interior da equipe esportiva que atuam haja um silêncio sobre as questões relacionadas a sexualidade, particularmente a homossexualidade, dando mais ênfase as questões técnicas e táticas da equipe para superação dos obstáculos e atingir as metas propostas para o ano competitivo, o quadro abaixo mostra que existe sim certo preconceito com a exteriorização da homossexualidade por alguns membros da sua equipe como relatou por exemplo Alemão.

Tostão relatou que, numa determinada cidade do interior de São Paulo, os profissionais que trabalham com o voleibol tem a fama de homofóbicos no discurso de alguns outros atletas que por lá passaram e não ficaram esta situação mostra o quanto o meio esportivo, ainda cultiva a masculinidade quando se fala em transitar pelos espaços relacionados aos esportes.

Muitas vezes o medo de sofrer represálias por assumir a homossexualidade, ou não terem oportunidades de trabalho em equipes de voleibol como atletas, leva-os a criarem uma estratégia de afastamento da sua condição, construindo uma roupagem de homens machos, exteriorizando uma masculinidade que foge aos seus padrões corporais, psicológicos e sociais. Isso fica claro no depoimento de Tostão, quando ele diz que fingir uma realidade é muito ruim.

Salienta-se com isso, o medo e a reserva dos jogadores entrevistados quando perguntado sobre preconceitos nas equipes e relataram que não assumindo posturas diferentes daquelas que gostariam.

Em relação ao meio esportivo, fizemos uma pergunta aos jogadores de voleibol de eles tinham um feedback sobre a realidade de um modo geral.

Diante das respostas, inferiu-se que hoje em dia, pela maior visibilidade que o esporte voleibol atingiu pelos sucessos de suas equipes nacionais ganhando títulos mundiais e olimpíadas, as pessoas ficam mais atentas aos comportamentos dos atletas, como disse Ticão existe um interesse de patrocinadores que investem muito dinheiro para suas marcas serem veiculadas nas camisas de times. Observa-se um profissionalismo muito maior nas equipes que dis-

putam grandes campeonatos e são mais expostas às mídias daí cobra-se muito mais e exige-se muito mais das atitudes e comportamentos dos atletas tanto dentro quanto fora da quadra, por tornarem-se pessoas públicas que irão representar o desejo de muitas crianças para atingir suas condições de ascensão e sucesso esportivo.

Por tudo isso, técnicos e comissões técnicas e dirigentes exigem posicionamentos estereotipados de virilidade e masculinidade de seus membros. Como disse Tostão quando ele usava um artefato relacionado as mulheres, foi chamado a atenção e teve se arrancar imediatamente.

Nesta direção, outra pergunta foi feita, se de alguma forma a homossexualidade, teria influencia nas suas trajetórias de vidas, profissional, atlética e familiar, as respostas estão contidas no quadro dez.

As respostas foram unânimes no sentido que não sofrem preconceitos nos campos profissionais que atuam, mas nos chamou a atenção o fato de não viverem do voleibol, terem carreiras paralelas ao voleibol, diferentemente dos atletas referendados de alto rendimento que tiveram problemas sim, devido ao fato de investimento financeiro das equipes de alto nível ser muito altos.

Deduziu-se com isso, que o voleibol que praticam possui uma realidade bem diferente do alto nível, já que os investimentos são poucos ou não possui, dependendo muitas vezes do poder público para continuidade dessas equipes.

Com isso a exposição a mídias, e a feitos nacionais ou internacionais ficam reduzidos quase à zero, tendo apenas quando muito a divulgação local, onde pertencem estas equipes.

Então por não conseguirem viver do voleibol, buscam carreiras profissionais condizentes com suas realidades socioeconômicas, e daí terem sucesso neste campo, não sofrendo nenhum tipo de preconceito pelo fato de serem homossexuais, como as respostas comprovaram.

Neste sentido interessante notar que suas carreiras profissionais, são voltadas a área de humanas, um trabalha em escola, outro é cabeleireiro, outro atende pessoas, só um que não declarou especificamente sua carreira profissional, mas todas elas não exigem uma virilidade explícita e inerente a sua condição de sucesso profissional, diferentemente do esporte que exige essa condição exteriorizada no atleta.

Constatamos que há uma construção de grupos específicos que demarcam e ratificam esta posição de assumir o voleibol como prática esportiva. Diante disto, quando estes jogadores homossexuais são aceitos nestes grupos, tendem a propagar o sucesso obtido nesse espaço, acolhendo assim, todos aqueles que porventura possuírem esta mesma condição instaurada na sua trajetória de vida.

Assim, diante de todo o exposto, identificamos que a demarcação de função e as questões de gênero estão presentes neste universo de escolhas e práticas esportivas, e que o voleibol enquanto representação social ainda é pertencente ao universo feminino majoritariamente nas falas de nossos entrevistados.

Que o preconceito causa barreiras sensíveis numa possível ascensão esportiva, e que o fato de serem homossexuais, veem barreiras muitas vezes intransponíveis para outros níveis de atuação esportiva.

Também identificamos nas falas que nos níveis mais inferiores de atuação há uma aceitação maior e, portanto maiores oportunidades desses jogadores homossexuais de atuarem, daí nestes níveis segundo seus depoimentos existem mais homossexuais declarados praticando o voleibol.

## **Considerações Finais**

Identificamos que historicamente o Voleibol no Brasil foi praticado mais por mulheres do que por homens, daí trazer no seu bojo como representação social, uma prática demarcada por uma questão de gênero.

E que a partir disso, muitos estereótipos foram criados em função de sua prática, levando muitos adeptos dessa prática a serem estigmatizados como gay.

E quando assumem esta condição de gays, como nossos jogadores aqui entrevistados, são preconceituados, com violências simbólicas, taxados com comportamentos distintivos em

relação a normatização social que impõe aos homens atletas uma virilidade, força necessária a manutenção das características masculinas.

Cria-se assim um paradoxo existencial, do mesmo modo que a sociedade elege o voleibol um esporte feminino, exige dos homens que o praticam uma virilidade e força condizentes com as características masculinas.

Percebemos ainda, que o fato de serem homossexuais declarados, trouxeram preconceitos nas suas carreiras esportivas e também no próprio grupo onde atuam com piadas e pressões para assumirem comportamentos heterossexuais.

Salientamos ainda que nos níveis mais inferiores de atuação eles são mais aceitos, já que a exposição a mídias de grande difusão e também ao pouco investimento que há, eles são mais aceitos e podem desenvolver sua trajetória um pouco mais tranquila.

Por fim constatamos que o silenciar ainda impera quando se trata desse assunto nos diversos campos de atuação, seja na família, nas equipes ou nos locais de trabalho, configurando que o tabu existencial perpassa os tempos e ainda hoje se faz presente, fazendo vítimas todos aqueles que subvertem a ordem da lógica social.

Portanto, ao concluir este artigo, inferimos essas considerações a respeito desta temática que trata da homossexualidade em jogadores de voleibol, e que não estão esgotadas aqui, para a partir delas novos estudos possam surgir a respeito do assunto e que este trabalho como um todo sirva de reflexões para profissionais que atuam neste campo profissional.

## Referencias

BOURDIEU, P. **La distinction**. Paris: Minuit, 1979.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BOURDIEU, P. **A Dominação Masculina**, Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 2002.

BRACHT, V. **Sociologia crítica do esporte: uma introdução**. Vitória. UFES, Centro de Educação Física e Desportos, 1997.

BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais**, Mec 1996

COSTA, J. F. **O referencial da identidade homossexual**. In: Parker, R. e Barbosa, R. M. Sexualidades brasileiras. Rio de Janeiro: Relumê Dumará: ABIA:IMS/UERJ, 1996.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade. Vol. 1: A vontade de saber**. 11a ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. 11a ed. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 1987.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade II: a vontade de saber**. Rio de Janeiro. Ed. Graal, 1980.

GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro, Zahar. 1988.

LAURETIS, T. **Upping the anti isic in feminist theory**. In: During, S. (ed.) *The cultural studies reader*. London e New York: Routledge, 1993.

LAURETIS, T. **A tecnologia do gênero**. In: Hollanda, H. (org.) *Tendências e impasses. O feminismo como crítica da modernidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LAURETIS, T. *Feminist Studies/Critical Studies: Issues, terms, and contexts*. In Lauretis, T. (ed.) *Feminist Studies/Critical Studies*. Bloomington e Indianapolis: Indiana University Press, 1986.

LOURO, G. Magistério de 1o grau: **um trabalho de mulher**. *Educação e Realidade*, v. 14, n. 2, jul/dez 1989.

LOURO, G. **Mulheres nas salas de aulas**. In Priore, M. (org.) *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997.

LOURO, G. **Gênero, história e educação**: construção e desconstrução. *Educação e Realidade*, v. 20, n. 2, jul/dez 1995a.

LOURO, G. **Produzindo sujeitos masculinos e cristãos**. In: Veiga-Neto, A. (org.). *Crítica pós-estruturalista e Educação*. Porto Alegre: Sulina, 1995b.

REINA, Fábio T. **Pés Trocados: a violência simbólica em bailarinos e jogadoras de futebol**. Curitiba. Appris, 2017

RODRIGUES, V. **O pensamento como máquina de guerra**. *Educação*. Rio de Janeiro, 1998.

SCOTT, J. Gênero: **uma categoria útil de análise histórica**. *Educação & Realidade*, 1995.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez 2006.

TURNER, V. W. **O processo ritual**. Petrópolis: Vozes 1989.

WEEKS, J. **El malestar de la sexualidad. Significados, mitos y sexualidades modernas**. Madrid: Talasa, 1993.

Recebido em 7 de setembro de 2020.  
Aprovado em 17 de novembro de 2020.